

DOI: <https://doi.org/10.58871/conbrasca.v3.30>

USO DE TELAS E COMPORTAMENTO INFANTIL: O QUE DIZEM OS PAIS?

SCREEN USE AND CHILDREN'S BEHAVIOR: WHAT PARENTS SAY?

RITA RAIANNE DE VASCONCELOS

Graduanda em Psicologia pela Universidade Federal do Ceará (Sobral)

ANA BEATRIZ VASCONCELOS DE ARAGÃO

Graduanda em Psicologia pela Universidade Federal do Ceará (Sobral)

ANA KAROLINA DE ALCÂNTARA

Graduanda em Psicologia pela Universidade Federal do Ceará (Sobral)

GERSON MENDES GOMES

Graduando em Psicologia pela Universidade Federal do Ceará (Sobral)

LUIZA SILVA DE LIMA

Graduanda em Psicologia pela Universidade Federal do Ceará (Sobral)

MATHEUS RODRIGUES DA SILVA

Graduando em Psicologia pela Universidade Federal do Ceará (Sobral)

TAYNARA BANDEIRA PEREIRA

Graduanda em Psicologia pela Universidade Federal do Ceará (Sobral)

DARLENE PINHO FERNANDES DE MOURA

Doutora em Psicologia e Professora da Universidade Federal do Ceará (Sobral)

RESUMO

Objetivo: Verificar, de modo exploratório, a relação entre uso excessivo de telas e as dificuldades comportamentais infantis. **Metodologia:** Trata-se de um estudo descritivo e correlacional que contou com uma amostra não probabilística de 71 pais de crianças de 6 a 12 anos de idade. Os participantes foram solicitados a responder, de forma online e individual, a um link composto por três questionários: Questionário Sobre o Uso de Telas- QUT, elaborado pela pesquisadora, Questionário de Capacidades e Dificuldades/Strengths and Difficulties Questionnaire- SDQ e um Questionário Sociodemográfico. **Resultados e Discussão:** observou-se que as crianças passam mais tempo diante das telas do que o recomendado pela literatura e que, apesar da preocupação dos pais diante dessa circunstância, poucos delimitam o número de horas permitido ou propõem alternativas diferentes e tem consequências comportamentais negativas. **Considerações Finais:** Desse modo, foi possível concluir que o uso de telas em demasia vem acarretando prejuízos na interação, no comportamento e no desenvolvimento infantil. Ademais, são relevantes sugestões que possibilitem um acesso às tecnologias de modo saudável e consciente.

Palavras-chave: desenvolvimento infantil; telas; comportamento infantil

ABSTRACT

Objective: Verify, in an exploratory way, the relationship between excessive use of screens and children's behavioral difficulties. **Methodology:** This is a descriptive and correlational study that included a non-probabilistic sample of 71 parents of children aged 6 to 12 years old. Participants were asked to respond, online and individually, to a link made up of three questionnaires: Screen Use Questionnaire - QUT, prepared by the researcher, Strengths and Difficulties Questionnaire - SDQ and a Sociodemographic Questionnaire. **Results and Discussion:** it was observed that children spend more time in front of screens than recommended in the literature and that, despite parents' concern about this circumstance, few define the number of hours allowed or propose different alternatives and the negative behavioral consequences were evident. **Final Consideration:** In this way, it was possible to conclude that the use of too much screens has caused harm to interaction, behavior and child development. Furthermore, suggestions that enable access to technologies in a healthy and conscious way are relevant.

Keys Words: child development; fabrics; child behavior.

1. INTRODUÇÃO

As tecnologias são compreendidas como artefatos surgidos a partir da necessidade de o homem criar formas e ferramentas para auxiliar em suas atividades diárias (Porto *et al.*, 2013; Schons; Santos, 2022). De tal maneira, pode-se dizer que sua evolução tem modificado condutas, hábitos, modos de repassar informações e de se comunicar em diferentes contextos (Di Lucca, 2023; Desmurget, 2021). É comum ver crianças sendo apresentadas às novas tecnologias em idades cada vez mais precoces (Eisenstein *et al.*, 2019) e elas se apropriam facilmente destas ferramentas, pois já nascem imersas em um ambiente cada vez mais digital, são denominadas de "nativos digitais" (Cotonhoto; Rossetti, 2016; Prensky, 2001).

Sobre isso, é importante destacar que a infância é um período marcado por mudanças biológicas e psicossociais importantes para o desenvolvimento, o que torna necessário compreender os fenômenos associados ao tempo de tela nesta fase (Nobre *et al.*, 2021). Estudos têm associado o extenso tempo diante das telas com atrasos na cognição, no sono, no desenvolvimento da linguagem e nas dificuldades de socialização (Chassiakos *et al.*, 2016; Araújo *et al.*, 2019; Eisenstein *et al.*, 2019). Um estudo feito com 150 crianças entre 15 e 35 meses de idade, metade regularmente expostas à televisão e a outra metade que raramente eram expostas, comprovou que atrasos cognitivos, de linguagem e motores foram significativamente associados ao tempo que passam assistindo (Lin, 2015). Ademais, quanto mais tempo dedicado às mídias sociais, maiores são os problemas relacionados à saúde mental, como depressão, ansiedade e ideação suicida (Riehm *et al.*, 2019).

A Sociedade Brasileira de Pediatria (SBP, 2022) enfatiza a importância de fiscalizar o

conteúdo e o tempo que os infantes estão expostos às telas, por isso propõe uma série de recomendações, dentre elas, a demarcação do tempo de exposição ao máximo de 1 hora diária para crianças entre 2 a 5 anos de idade; entre 1 a 2 horas para crianças de 6 a 10 anos; e entre 2 a 3 horas na faixa etária dos 11 aos 18 anos. À vista disso, é válido salientar também o horário em que as crianças têm acesso aos dispositivos, visto que aquelas que utilizam celular ou tablet na hora de dormir têm o dobro do risco de acarretar problemas do sono, dificuldades de aprendizagem e problemas de memorização (Carter *et al.*, 2016; Desmurget, 2021).

Ademais, é relevante frisar que há um dissenso na literatura referente a essa temática, já que, segundo alguns autores, o uso das mídias digitais também possui benefícios, sobretudo relacionados à aprendizagem, porém é preciso incluir fatores como o modo que ela é utilizada, o conteúdo que é apresentado e o estágio de desenvolvimento que a criança se encontra (Chassiakos *et al.*, 2016; Estigarribia, 2018). Assim, é de fundamental importância permitir à criança explorar o mundo ao seu redor, construir relações, criar suas próprias atividades e até mesmo lidar com o tédio, que é bastante significativo para o desenvolvimento da criatividade (Desmurget, 2021).

Dessa maneira, por se tratar de um assunto sério, há uma necessidade de ampliar os estudos sobre a temática. À vista disso, o objetivo geral da presente pesquisa é verificar, de modo exploratório, a relação entre uso excessivo de telas com dificuldades comportamentais infantis. Especificamente, pretende-se descrever a quantidade de tempo destinada ao uso de tela por crianças durante o dia, os níveis de preocupação e controle dos pais, a frequência que se dá o uso de telas como ferramenta de entretenimento infantil, bem como verificar a relação de uso de telas e comportamento infantil.

2. METODOLOGIA

2.1 - Participantes

Contou-se com a participação de 62 pessoas do sexo feminino (87,32%) e 9 do sexo masculino (12,68%), sendo 12,68% na faixa etária dos 16 aos 25 anos, 36,62% dos 26 aos 35 anos, 46,48% dos 36 aos 45 anos e 4,23% têm outra idade não especificada. Desses, 77,46% são mães, 9,86% pais, 2,82% tios ou tias, 1,41% avós ou avôs e 8,45% tendo outro tipo de vínculo familiar. Tais responsáveis são residentes de algumas cidades do Brasil, como Morrinhos-CE (54,92%), Resende-RJ (2,81%), Manaus-AM (2,81%) e Sobral-CE (5,63%).

No que se refere ao estado civil, 67,61% são casados, 19,72% assumiram-se solteiros, 5,63% divorciados, 1,41% viúvos e 5,63% marcaram a alternativa “outro”. Em relação à religião, 77,46% são católicos, 16,9% evangélicos, 2,82% declararam não possuir nenhuma

religião e 2,82% não se identificaram com nenhuma dessas. Já no que concerne à escolaridade, 32,39% possuem o ensino superior completo, 36,62% possuem o ensino médio completo, 7,04% possuem o ensino fundamental completo, 16,9% possuem o ensino superior incompleto e 7,04% possuem o ensino fundamental incompleto. Desses, 46,48% estão desempregados e 53,52% estão empregados.

Dentro desse contexto, os questionários foram respondidos sobre crianças de 6 a 12 anos. Dessas, 39,44% com 6 ou 7 anos, 16,9% com 8 ou 9 anos, 22,54% com 10 ou 11 anos e 21,13% com 12 anos, sendo 49,3% do sexo feminino e 50,7% do sexo masculino. Vale ressaltar ainda que, em caso de responsáveis por mais de uma criança dentro dos critérios da pesquisa, foi recomendado a escolha de apenas uma criança e as respostas do questionário serem feitas referentes a ela. No mais, a amostra foi de conveniência, participando da pesquisa aqueles que foram convidados e que aceitaram colaborar voluntariamente com o estudo.

2.3 - Instrumentos

Os participantes responderam aos seguintes instrumentos:

- a) Questionário sobre Uso de Telas (QUT): Elaborado pela própria pesquisadora e aplicado aos pais/responsáveis, o instrumento consta de 15 questões acerca de como se dá a frequência de uso de telas por pais e filhos, o uso de telas como entretenimento para crianças, bem como como se dá a preocupação e o controle dos pais diante da exposição às telas em crianças. Algumas perguntas contidas no questionário foram as seguintes: “Com que frequência você precisa do ‘auxílio’ das telas para entreter a criança durante uma birra?”, “Com que frequência a criança fica no celular/tablet em ambientes que precisa esperar?”, “Com que frequência a criança se mostra distraída quando está diante das telas e é chamada pelo nome?”.
- b) Questionário de capacidades e dificuldades/*Strengths and Difficulties Questionnaire*- SDQ (Fleitlich; Cortázar; Goodman *et al*, 2000): Instrumento de triagem utilizado para avaliar o comportamento de crianças e adolescentes da faixa etária de 3 a 16 anos (Fleitlich, Cortázar & Goodman *et al.*, 2000). O instrumento é de uso livre e possui três versões (pais, professores e criança). Neste estudo, utilizou-se a versão voltada para pais, composta por 25 itens e está organizada em 4 fatores (Moura, 2020), a saber: Hiperatividade (ex: *Está sempre agitado, balançando as pernas ou mexendo as mãos*), Comportamentos Antissociais (ex: *Frequentemente tem acessos de raiva ou crises de birra*), Problema de Relacionamento (ex: *Frequentemente briga com outras crianças ou as amedronta*) e Problema Emocionais (ex: *Frequentemente parece triste, desanimado ou choroso*).
- c) Questionário Sociodemográfico: Composto por questões acerca da criança e do adulto respondente, como idade, escolaridade, gênero, religião, grau de escolaridade, número de

peçoas que compartilham o ambiente familiar, estado civil e renda mensal, entre outras.

2.4 - Procedimentos

O estudo teve início após aprovação do projeto pelo Comitê de Ética em Pesquisa, sob número de parecer 5.848.697 e CAAE 64339222.0.0000.5053, atendendo ao disposto da Resolução 466/ 2012 e da Resolução 510/2016 do Conselho Nacional de Saúde (Carta Circular nº 001/2021). Os interessados em colaborar com o estudo precisaram assinar o Termo de Consentimento Livre Esclarecido (TCLE), que ficou disponível junto aos questionários. Assim, os questionários, produzidos por meio do aplicativo Google Forms, foram respondidos de maneira virtual. A divulgação aconteceu com o auxílio das redes sociais, como o Instagram, o WhatsApp, além do Facebook e o tempo médio que as pessoas demoraram para responder ao questionário foi 10 minutos.

2.5 – Análise dos dados

Para atender aos objetivos do estudo, efetuou-se estatísticas descritivas (medidas de dispersão, tendência central e frequência) para caracterização da amostra (conforme apresentado anteriormente) e também para descrever os aspectos relacionados ao uso de tela infantil. Posteriormente, a normalidade dos dados foi verificada pelo teste de *Kolmogorov-Smirnov* e *Shapiro-Wilk* para cada uma das variáveis- alvo do estudo (uso problemático de telas e as dificuldades comportamentais infantis), os resultados não atestaram distribuição normal dos dados ($p < 0,05$). Portanto, foi realizada uma análise de correlação de *Spearman* a fim de verificar a relação da influência do uso de tela nas dificuldades comportamentais infantis. Os dados foram analisados pelo IBM SPSS (Statistical Package for the Social Science) versão 21.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os resultados referentes às características relacionadas ao uso de telas infantil serão apresentados e discutidos a partir de quatro temas: 1) Frequência de uso de telas infantil; 2) A preocupação e controle dos pais diante do uso de telas infantis; 3) Uso de telas como ferramenta de entretenimento infantil e 4) Uso de telas e comportamento infantil.

3.1 – Frequência do uso de telas por crianças

No que diz respeito à frequência do uso de telas, os resultados apontaram que 38% das crianças da amostra ficam em média 3 a 4 horas por dia e 29,6% pelo menos de 1 a 2 horas por dia diante das telas. Dessa maneira, pode-se afirmar que a maior parte das crianças analisadas passa mais tempo utilizando as telas do que o recomendado. Como dito anteriormente, a SBP sugere que crianças de 6 a 10 anos, devem usar, no máximo, de 1 a 2 horas por dia e serem supervisionadas pelos pais ou responsáveis (SBP, 2022).

Nessa perspectiva, medidas que podem auxiliar nessa mudança é balancear o tempo de tela com outros afazeres como, por exemplo, a inserção de uma atividade física na rotina, distribuição de alguma responsabilidade a depender da idade da criança- seja retirar o lixo, regar plantas, cuidar do animal de estimação ou arrumar o quarto, dispor de momentos de lazer ao ar livre e estabelecer horários determinados para a utilização, com o intuito de conseguir, dessa forma, um equilíbrio. Afinal, como cita Eisenstein (2023), conseguir equilibrar o tempo de tela é fundamental, inserindo limites e “combinados” de convivência, bem como regras explícitas de segurança e privacidade.

3.2 – Uso de telas e a preocupação/controlado dos pais

Ademais, também se observou que pelos menos 52,1% dos pais se preocupam sempre (36,62%) ou quase sempre (15,49%) com o tempo que as crianças passam diante das telas e a maioria (54,93%) possui dificuldade às vezes (25,35%), quase sempre (12,68%) ou sempre (16,90%) em delimitar o tempo que a criança passa exposta às tecnologias. Nesse contexto, os resultados de um estudo, feito por Câmara (2020), corroboram com o fato de que os pais têm conhecimento quanto aos riscos do uso excessivo da tecnologia, porém não limitam e não monitoram de modo adequado a utilização dos diversos aparelhos eletrônicos.

Alguns estudos, por exemplo, apontam que o uso de telas da criança pode crescer conforme o uso dos pais, já que esses são seus principais exemplos (Nobre *et al.*, 2021; Perry, 2020). Embora se reconheça que a tecnologia faz parte do social e anular seu uso é uma pretensão que parece estar na esfera do impossível, é preciso perceber que a problemática está na forma que é utilizada e não na tecnologia propriamente dita. Assim, destaca-se a relevância da presença, da responsabilização e da mediação dos pais e responsáveis no controle do uso de telas, visto que a criança ainda não possui a capacidade de decidir sobre suas atitudes e sobre o que é melhor para si (Lucena *et al.*, 2022).

3.3 – Uso de tela como entretenimento infantil

Ademais, também se observou que a maioria dos respondentes nunca (43,7%) ou quase nunca (25,4%) precisa do auxílio de telas para entreter a criança em uma crise de birra; nunca (26,8%) ou quase nunca (28,2%) deixa a criança no celular em situações em que precisa esperar; nunca (42,3%) ou quase nunca (18,3%) faz uso de telas durante a refeição. Entretanto, a maioria (52,1%) possui dificuldade às vezes (28,2%), quase sempre (11,3%) ou sempre (12,7%) em propor atividades no tempo livre da criança.

No estudo em questão, observou-se que a maioria das crianças não usa telas durante uma crise de birra, em situações que precisam aguardar ou no momento das refeições. Tais casos são bastante positivos, visto que, em relação ao último tópico por exemplo, os

especialistas em nutrição explicam que na hora da refeição, por estarem expostos aos aparelhos eletrônicos e, conseqüentemente, ao excesso de sons, cores e entretenimento, as crianças tendem a não prestar atenção no que estão comendo (De Moraes; Bavaresco, 2021), podendo, posteriormente, provocar danos referentes à perda dos sinais de saciedade, pois fazem a ingestão dos alimentos sem perceber a quantidade e a qualidade do que está sendo ingerido.

Dando continuidade, na pesquisa de Câmara (2020), foi apontado que as principais formas de distração das crianças são celulares, filmes e jogos. Poucos pais falaram sobre a utilização da leitura, do passeio em família ou de brincadeiras recreativas como instrumento de divertimento dos filhos. A pesquisa ainda demonstrou que os pais, muitas vezes, contribuem para isso ao introduzirem, de maneira precoce e sem monitoramento, os aparatos tecnológicos no cotidiano das crianças. Tal forma de agir pode acarretar prejuízos à saúde, afetando no convívio social dos pequenos e fomentando possíveis riscos futuros. Sugere-se, portanto, a inclusão na rotina da criança de uma variedade de alternativas, como desenhar, pintar, dançar, esculpir, aprender um novo instrumento musical (Desmurget, 2021), ler e contar histórias (Frizzo, 2022).

3.4 – Uso de telas e comportamento infantil

Por fim, com o intuito de verificar a relação entre as dificuldades comportamentais infantis (medido pelo SDQ) e uso problemático de telas (medido pelo QUT), foi realizada uma análise de correlação de Spearman. Os resultados apontaram que o uso problemático de telas se relacionaram positivamente com as pontuações totais em dificuldades comportamentais infantis ($r=0,29$; $p=0,04$) e com seus subfatores problemas de relacionamento ($r=0,28$; $p=0,02$), problemas emocionais ($r=0,48$; $p=0,000$), hiperatividade ($p=0,48$; $p=0,000$) e comportamento antissocial ($r=0,34$; $p=0,004$).

Por conseguinte, o excesso de telas colabora com um aumento de comportamentos indesejados, bem como uma perda de vivências importantes para o desenvolvimento da criança. Tal como mostra o estudo de Silva (2022), analisando a percepção de professoras acerca da influência do uso de telas no desenvolvimento infantil, as crianças, atualmente, têm apresentado dificuldades de socializarem com seus pares e vivenciarem de modo saudável a fase do brincar. A troca do ambiente físico pelo virtual fomenta a atual realidade analisada pelas professoras. Além de que, como afirma Desmurget (2021), as interações obstruídas, bem como as promovidas, irão moldar, de modo consistente, o conjunto do desenvolvimento cognitivo, emocional e social.

É interessante pontuar também que o fato das crianças, principalmente as menores, agirem bastante por imitação e que, por vezes, o real ser confundido com o virtual, aumenta a necessidade de avaliar o conteúdo das programações assistidas e o quanto o comportamento do infante pode ser modelado por tal aparato tecnológico, uma vez que exposição a estímulos e comportamentos violentos pode favorecer a agressividade (Desmurget, 2021). Ademais, a SBP (2023) alerta para os “desafios perigosos” que surgem constantemente na internet. Tais desafios disfarçados de jogos ou brincadeiras supostamente inofensivas podem instigar a prática de comportamentos que são considerados como de auto-agressão e capazes de colocar a vida da criança em risco. Nesse sentido, é preocupante a ausência de monitoramento, por parte dos responsáveis, para verificar o conteúdo, as plataformas e as atividades virtuais que os pequenos estão em contato.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Perante o exposto, por mais que os resultados não possam ser generalizados para a população geral, já que foram utilizados como base em poucos responsáveis, pode-se concluir que um número expressivo de crianças da amostra pesquisada passa mais tempo utilizando as telas do que o recomendado na literatura. Ademais, por meio do estudo, ficou ainda mais evidente os impasses que os pais têm em propor atividades no tempo livre da criança, além da preocupação e das dificuldades em delimitar o conteúdo e as horas que o filho passará diante da tela. À vista disso, destaca-se que os responsáveis precisam de orientação para evitar ou conter possíveis desvios comportamentais e consequências no desenvolvimento saudável, advindos do uso exacerbado das tecnologias. É relevante salientar também que a literatura sugere que essa temática é muito mais extensa, pois além das horas totais de uso, outras variáveis precisam ser levadas em consideração, como o tipo de conteúdo acessado, a utilização dos aparatos de modo passivo ou ativo, a supervisão do adulto e a segurança digital.

Como limitação do presente estudo, pode-se citar o tamanho da amostra, que contou apenas com 71 respondentes e em sua maioria mães. Além disso, o instrumento para avaliar o uso de telas não foi testada suas propriedades psicométricas. Ademais, outra limitação foi o questionário online preenchido pelos pais, podendo favorecer o viés de deseabilidade social.

Em suma, sabendo que a Psicologia dá especial atenção ao desenvolvimento humano e à área da infância, este estudo traz sua contribuição à medida que buscou compreender a frequência e principais implicações comportamentais advindas do uso dos aparatos tecnológicos na infância a partir da perspectiva dos pais. Por conseguinte, é necessário cada vez mais estudos acerca da temática, visto que é crescente o uso dessas ferramentas pelas crianças

e, em muitos momentos, os responsáveis já estão familiarizados, apesar de preocupados, com essa realidade. Sendo assim, com um intuito de minimizar os efeitos deletérios advindos da alta exposição às telas, urge a necessidade de conscientizar de maneira mais efetiva não somente os pais, mas também professores e outros profissionais, para que, desse modo, estimulem e contribuam com o surgimento de hábitos saudáveis na vida do infante.

5. REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Liubiana Arantes de *et al.* Uso saudável de telas, tecnologias e mídias nas creches, berçários e escolas. **Sociedade Brasileira de Pediatria**. 2019. Disponível em:

https://www.sbp.com.br/fileadmin/user_upload/21511d-MO

[UsoSaudavel_TelasTecnolMidias_na_SaudeEscolar.pdf](#) Acesso em: 27 nov. 2021.

CÂMERA, Hortência Veloso *et al.* Principais prejuízos biopsicossociais no uso abusivo da tecnologia na infância: percepções dos pais/Main biopsychosocial damages in abusive use of child technology: parental perceptions. ID on line. *Revista de psicologia*, v. 14, n. 51, p. 366-379, 2020.

CARTER, Ben *et al.* Association between portable screen-based media device access or use and sleep outcomes: a systematic review and meta-analysis. **JAMA pediatrics**, v. 170, n. 12, p. 1202-1208, 2016. Disponível em: <https://jamanetwork.com/journals/jamapediatrics/article-abstract/2571467> Acesso em: 09 jun. 2023.

CHASSIAKOS, Yolanda Linda Reid *et al.* Children and Adolescents and Digital Media. **Pediatrics**, v. 138, n. 5,

2016. <https://publications.aap.org/pediatrics/article/138/5/e20162593/60349/Children-and-Adolescents-and-Digital-Media?autologincheck=redirected> Acesso em: 24 nov. 2021.

COTONHOTO, Larissy Alves; ROSSETTI, Claudia Broetto. Prática de jogos eletrônicos Por crianças Pequenas: o que dizem as Pesquisas recentes?. **Revista Psicopedagogia**, v. 33, n. 102, p. 346-357, 2016. Disponível em:

http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-84862016000300012

Acesso em: 27 nov. 2021.

DE MORAES, Elise Helene Moutinho Bernardo; BAVARESCO, Tainara Paula;

BAVARESCO, Tania Mara. CRIANÇAS PEQUENAS X TELAS E DISPOSITIVOS

ELETRÔNICOS. **REI-Revista de Educação do UNIDEAU**, v. 1, n. 1, p. 37-56, 2021.

Disponível em: <https://periodicos.ideau.com.br/rei/article/view/18/57> Acesso em: 23 out. 2023.

DESMURGET, Michel. **A fábrica de cretinos digitais: Por que, pela 1ª vez, filhos têm QI inferior ao dos pais.** Vestígio Editora, 2021.

DI LUCCA, Bruno. Como o avanço da tecnologia tem moldado a forma de nos comunicarmos. **The Trends Hub**, n. 3, 2023. Disponível em: <https://parc.ipp.pt/index.php/trendshub/article/view/5097> Acesso em: 28 ago. 2023.

EISENSTEIN, Evelyn. Crianças, adolescentes e a era digital: benefícios e riscos. **Revista Acadêmica Licencia&acturas**, v. 11, n. 1, p. 7-14, 2023. Disponível em: <https://ws2.institutoivoti.com.br/ojs/index.php/licenciaeacturas/article/view/283> Acesso em: 18 out. 2023

EISENSTEIN, Evelyn *et al.* #MENOS TELAS #MAIS SAÚDE. **Sociedade Brasileira de Pediatria**. 2019. Disponível em: https://www.sbp.com.br/fileadmin/user_upload/22246c-ManOrient_-_MenosTelas_MaisSaude.pdf Acesso em: 27 nov. 2021.

ESTIGARRIBIA, Fabiana Andressa. **O brincar e a interferência da tecnologia.** 2018. Trabalho de Conclusão de curso (Graduação em Psicologia) – Departamento das humanidades e educação, UNIJUÍ, Santa Rosa, 2018. Disponível em: <https://bibliodigital.unijui.edu.br:8443/xmlui/bitstream/handle/123456789/5841/Fabiana%20Andressa%20Estigarribia.pdf?sequence=1&isAllowed=y> Acesso em: 24 nov. 2021.

FLEITLICH, B.; CORTÁZAR, P. G.; GOODMAN, R. Questionário de capacidades e dificuldades (SDQ); Strengths and difficulties questionnaire (SDQ). **Infanto rev. neuropsiquiatr. infanc. adolesc**, v. 8, n. 1, p. 44-50, 2000.. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ptp/a/FJJq5kDFvxtgR83sV5rrxMG/>. Acesso em: 29 nov. 2023.

FRIZZO, Giana Bitencourt. O uso de telas na primeira infância: o que mudou na pandemia COVID-19 e que lições ainda temos a aprender?. **SMAD, Revista Eletrônica Saúde Mental Álcool e Drogas (Edição em Português)**, v. 18, n. 2, p. 5-7, 2022. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pcp/a/SMRTnNDrkMHmdW8G3QBFtHt/> Acesso em: 18 out. 2023.

LIN, Ling-Yi *et al.* Effects of television exposure on developmental skills among young

children. **Infant behavior and development**, v. 38, p. 20-26, 2015. Disponível em: <https://www.sciencedirect.com/science/article/abs/pii/S0163638314001192> Acesso em: 27 nov. 2021.

LUCENA, Joana Marcela Sales de *et al.* Sedentary behavior and health-related quality of life in adolescents. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 27, p. 2143-2152, 2022. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/csc/a/3XSBmcXHsqMLnRdbtwjrTDz/?lang=en> Acesso em: 16 out. 2023.

MOURA, Darlene Pinho Fernandes de. (2020). *Comportamentos antissociais na infância proposta e avaliação do Programa Aprendendo sobre Filhos*. Tese de Doutorado. Universidade Federal do Ceará. Curso de Pós-Graduação em Psicologia, Fortaleza, Ceará. Disponível em: <http://repositorio.ufc.br/handle/riufc/50160>. Acesso em: 9 de novembro de 2021.

NOBRE, Juliana Nogueira Pontes *et al.* Fatores determinantes no tempo de tela de crianças na primeira infância. **Ciencia & saude coletiva**, v. 26, p. 1127-1136, 2021. Disponível em: <https://repositorio.pucsp.br/handle/handle/27637> Acesso em: 28 ago. 2023.

PERRY, Philippa. **O livro que você gostaria que seus pais tivessem lido**. Fontanar, 1ª ed., 2020.

PRENSKY, Marc. Digital natives, digital immigrants part 2: Do they really think differently?. **On the horizon**, v. 9, n. 6, p. 1-6, 2001. Disponível em: <https://www.emerald.com/insight/content/doi/10.1108/10748120110424843/full/html> Acesso em: 13 nov. 2023

PORTO, Aline Farias Martins Oliveira *et al.* **Faces e interfaces das múltiplas telas: a comunicação nas plataformas audiovisuais digitais**. 2013. Dissertação (Mestrado em Comunicação Social), Universidade Metodista de São Paulo, São Bernardo do Campo, 2013. Disponível em: <http://tede.metodista.br/jspui/bitstream/tede/669/1/AlinePorto.pdf> Acesso em: 28 dez. 2021.

RIEHM, Kira E. *et al.* Associations between time spent using social media and internalizing and externalizing problems among US youth. **JAMA psychiatry**, v. 76, n. 12, p. 1266-1273, 2019. Disponível em: <https://jamanetwork.com/journals/jamapsychiatry/article-abstract/2749480> Acesso em: 09 jun. 2023.

SILVA, K. O.. Percepção dos/as professores/as sobre a influência do uso de telas no desenvolvimento infantil: dimensões social e cognitiva. 2022. Disponível em:

<https://repositorio.ufpb.br/jspui/handle/123456789/25680> Acesso em 17 out. 2023.

SOCIEDADE BRASILEIRA DE PEDIATRIA. Crianças no celular: Saiba o tempo ideal para cada idade. Porto Alegre: **SBP**, 2022. Disponível em:

<https://www.sbp.com.br/imprensa/detalhe/nid/criancas-no-celular-saiba-o-tempo-ideal-para-cada-idade/> Acesso em: 18 out. 2023.

SOCIEDADE BRASILEIRA DE PEDIATRIA. #Menos jogos perigoso #Mais saúde. Porto Alegre: **SBP**, 2023. Disponível em: <https://www.sbp.com.br/imprensa/detalhe/nid/menos-jogos-perigosos-mais-saude/>

Acesso em: 18 out. 2023.

SCHONS, Juliana Cristina Schimdt; SANTOS, Maria Aparecida de Souza. Análise sobre a importância da utilização das tecnologias digitais de informação e comunicação nas escolas de ensino fundamental: inclusão digital e a acessibilidade dos alunos com deficiência.

Brazilian Journal of Development, Curitiba, v. 8, n. 1, p. 3604-3617, 2022.